

## O COTIDIANO ESCOLAR E OS DESAFIOS DO ENSINO PARA UMA FORMAÇÃO ALÉM DA SALA DE AULA

Aline Bastos Oliveira (1); Marinalda Pereira de Araújo (1)

(1) *Graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, E-mail: alinebastos26@gmail.com;*

(1) *Graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, E-mail: marinaldapereir4@gmail.com*

**Resumo:** A educação é permeada por discussões em torno de como a escola pode ser um espaço de ensino e aprendizagem, responsável pela formação de pessoas que possam atuar e pensar criticamente a sua realidade. Não obstante, frente ao que é vivenciado na atual conjuntura das escolas e, especificamente, em instituições de ensino público, questiona-se se este espaço garante ao aluno tal formação. Assim, faz-se importante pensar a respeito do papel da educação na sociedade brasileira, bem como de que maneira a comunidade escolar pode contribuir na construção de uma consciência crítica e política e, para além disso, na formação de sujeitos engajados em lutas sociais. Destarte, vislumbrando-se refletir acerca de tais afirmativas, o presente texto apresentará um relato de experiência, fruto de vivências de discentes do curso de licenciatura de ciências sociais, junto a uma escola pública. Para tanto, partindo-se de visitas em uma escola da rede pública, localizada na cidade Santa Rita-Paraíba, fez-se entrevistas semi-estruturadas com gestores, professores e alunos, assim como, observações realizadas no contexto pesquisado. De forma ampla, percebe-se dificuldades enfrentadas por docentes em sala de aula, mas principalmente, que é possível, através de suas práticas pedagógicas autônomas, modificar algumas coisas que são superestruturais. Percebeu-se ainda, que os discentes não pertencem simplesmente a categorias macrosociológicas, mas que, sobretudo, são indivíduos, que para além das injustiças vivenciadas em diversos contextos, são capazes de superar traumas e escolher os elementos que irão prevalecer em sua história. Pensar sobre tais questões faz-se crucial, ressaltando-se ainda o papel do governo frente à realidade constada.

**Palavras-chave:** Escola; Comunidade escolar; Estágio.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido para o cumprimento da disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de licenciatura em ciências sociais. O presente texto apresentará um relato de experiência a partir de visitas à uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no Bairro de Tibiri II em Santa Rita/PB, e a reflexão entre o que foi observado em campo e a literatura proposta pela disciplina. Nesse sentido, também ressaltaremos uma breve discussão em torno do ensino de sociologia na escola, uma vez que muito se discute em relação à inserção dessa disciplina na grade curricular no ensino brasileiro.

Partindo da constatação de que não podemos refletir apenas a partir das teorias e que se faz indispensável conectá-las à prática, é que consideramos de extrema importância a disciplina de Estágio Supervisionado I, uma vez que esta nos garante a oportunidade de inserção no universo escolar, sendo possível perceber as relações entre teoria e prática, bem como, conhecer um pouco da realidade da educação pública brasileira a partir dessa experiência de pesquisa.

Relataremos e discutiremos acerca do perfil da escola visitada, ressaltando as entrevistas realizadas com gestores, professores e alunos, onde foram guiadas por um questionário semiestruturado elaborado previamente, assim como sobre as observações realizadas no contexto pesquisado, tendo como mote as reflexões da revisão bibliográfica discutida em sala de aula e verificando em que medida as práticas discursivas dos gestores, professores e alunos, correspondem aos estudos teóricos vistos na Universidade.

## **METODOLOGIA**

Para realização deste trabalho foram necessárias três visitas a Escola Estadual supracitada, que foi fundada no ano de 1984 e que teve a sua mais recente reforma no ano de 2015. Fez-se entrevistas semi-estruturadas com gestores, professores e alunos, além das observações *in loco*. Tivemos como mote a revisão bibliográfica discutida em sala de aula e verificamos em que medida as práticas discursivas dos gestores, professores e alunos, correspondem aos estudos teóricos vistos na Universidade.

## **PERFIL DA ESCOLA: A REALIDADE ENTRE OS MUROS DA ESCOLA**

A escola<sup>1</sup> atende a alunos pertencentes a famílias de classe média baixa, que residem em diversos bairros da zona urbana de Santa Rita, dentre os quais pode-se citar: Tibiri II e III, Marcos Moura, Heitel Santiago e Várzea Nova. Dada à pequena quantidade de escolas estaduais em Santa Rita, ela acaba atendendo a mais bairros, logo encontra-se superlotada, em média 52 alunos por turma, numa sala que comportaria no máximo 35 alunos.

Atualmente a escola tem atendido a 786 alunos distribuídos entre o 7º ano do fundamental e o 3º ano do médio, as aulas também ocorrem nos três turnos, e o índice de evasão é maior no turno da noite, visto que os alunos trabalham durante o dia, chegam

---

<sup>1</sup> No período que realizamos a pesquisa a diretora da escola era funcionária da escola desde 1985, um ano após a fundação da mesma, onde ocupava o cargo de professora. Após a morte do diretor (seu esposo), ela passou a ocupar a direção da escola. A mesma nos informou que foram realizadas diversas pesquisas para descobrir a origem do nome da escola, mas não obtiveram êxito.

cansados e acabam desistindo do ano letivo. No turno da noite funcionam apenas turmas do ensino médio.

O quadro profissional é composto por 45 profissionais entre professores, funcionários e direção, sendo 23 docentes dentre eles. Apesar da maioria dos professores serem graduados, ainda existem professores que não possuem formação de nível superior. Não existe um corpo técnico na escola, e a secretária fica a cargo de algumas dessas funções. A gestão é composta por uma diretora que está a mais de 15 anos nessa função e um adjunto que está afastado por licença médica.

A estrutura física da escola é formada por 6 salas de aulas, 2 quadras de esporte (uma coberta e outra descoberta) ambas sem condições de uso, secretaria, sala de professores, cozinha, banheiros e pátio coberto, existe espaço destinado a instalação de um laboratório de informática, porém atualmente tem sido utilizado como depósito de livros e a biblioteca está funcionando na secretaria.

Sobre o PP (Projeto Pedagógico) e planejamento pedagógico, obtivemos informações contrárias, uma vez que a diretora e a secretária nos informaram a existência do PP e a ocorrência dos planejamentos mensalmente e os professores, alegaram não conhecer o PP e que o planejamento não era uma prática corrente na escola. Segundo os docentes foi em 2017 o primeiro ano em que houve planejamento, por iniciativa deles, onde estabeleceram algumas diretrizes, dentre as quais a adoção do simulado como a terceira nota do bimestre para todas as disciplinas.

A escola possui conselho escolar composto por professores, funcionários, pais e uma pessoa da comunidade, porém sua atuação acontece basicamente do final do ano, para definir quais os alunos serão aprovados ou reprovados. Os professores e alunos dizem que nada sabem sobre as verbas do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), os docentes não sabem em que esse dinheiro é empregado, a utilização do mesmo não é pensada de forma democrática e transparente.

Não existe Grêmio Estudantil e a escola não possui nenhum projeto, inclusive o Projeto Mais Educação parou de funcionar desde 2016. A escola recebe muitos livros de todas as disciplinas, bem como, livros paradidáticos. Em conversa com os professores descobrimos que os livros paradidáticos não eram utilizados, porém no início do ano letivo de 2017 alguns professores se juntaram para ver o que existia de livro na escola objetivando organizar esse material para disponibilizar para os alunos, desde o começo de março de 2017 alguns já estão disponíveis e vários alunos já pegaram emprestado para leitura.

A diretora disse que os livros didáticos vem para a escola com duração de três anos e por esse motivo, os livros só são entregues aos pais mediante assinatura do termo de compromisso, se comprometendo em entregar o livro em perfeita condição de uso ao termino do ano letivo, no entanto, esse termo não é garantia de que os livros sejam repassados em boas condições de uso.

O que tange a realidade do ensino de sociologia e os docentes responsáveis por ministrar essa disciplina, o campo nos mostrou uma realidade próxima em relação ao que foi abordado na literatura. Tão importante quanto discutir acerca da permanência da disciplina de sociologia na grade curricular, é fundamental pensar qual a função da mesma no contexto escolar? Quem é o profissional que a leciona? E como essa questão pode ser importante para despertar do aluno em relação ao pensamento sociológico?

Os professores que assumiram a disciplina de sociologia nesta escola foram professores das áreas de geografia e história, realidade que acomete a diversas escolas brasileiras, sendo eles concursados e precisando completar carga horária. Assim, de acordo com os depoimentos de alguns alunos, a aula de sociologia é monótona, pois o professor apenas escreve no quadro, tornando a disciplina na visão de alguns alunos, desnecessária.

## **CONCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DOS ALUNOS**

Foram entrevistados cinco alunos, sendo um do 1º ano, três do 2º ano e um do 3º ano. Na ocasião foram feitas três perguntas para cada um deles de caráter mais geral e uma conversa mais aberta sobre a experiência deles com a disciplina de sociologia. A primeira pergunta foi a seguinte: “Você se sente realizado (feliz) em sua escola?” as respostas foram bastante diversificada o 1º aluno disse que gostava da escola pelas pessoas que conheceu; o 2º diz que gosta das aulas, porém reclama da estrutura da escola, sobretudo a falta de quadra; o 3º gosta dos professores porque eles sabem ensinar e esclarecem suas dúvidas; o 4º afirma que o ensino é bom e que ele desenvolveu em leitura e escrita, mas a estrutura não dá total condições para eles aprenderem e o 5º declarou que gosta um pouco.

A respeito da segunda questão “As aulas em sua escola são prazerosas e produtivas?” apenas um aluno diz ter interesse nas áreas de exatas e percebe as aulas como produtivas, três evidenciaram a satisfação na disciplina de biologia e um em português.

Na terceira pergunta “O que você pensa do futuro?”, dois alunos disseram “se nada der certo eu vou para universidade” quando eu perguntei qual eram os planos deles, um me revelou que iria trabalhar com o pai no posto de combustível e o

outro disse que iria procurar emprego, os outros três alunos disseram ter interesse, em fazer um curso superior e apontaram mais de uma área: jornalismo ou ciências biológicas, direito ou administração e enfermagem ou gastronomia. Nesse sentido, a escola por si, não constitui o único espaço que possibilita a ascensão social dos jovens. A família também se apresenta como um elemento importante nesse processo de manter-se no espaço escolar.

Quando conversamos sobre a disciplina de sociologia todos foram unânimes em dizer que não tem aula de sociologia, porque o professor chega em sala e começa a escrever no quadro e depois se senta e faz a chamada e acabou a aula, afirmaram ainda que ele já não dava aula de geografia agora são duas disciplinas perdidas, uma aluna disse que se fosse perguntada sobre o que é sociologia ela responderia “é uma palavra”, e quando insistimos ela perguntou “para que serve sociologia?”. As alunas do 2º ano disseram que o conteúdo exigido para o simulado será “ONU”, o professor pediu que elas pesquisassem.

Outra questão presente na fala e no comportamento dos alunos é a falta de mobilização estudantil, no sentido de lutar por seus direitos e a falta de uma relação dialógica entre eles e alguns professores. Quando perguntados por que eles não questionam a maneira como o professor dar aula, eles disseram que tem medo.

O grande problema nessa falta de comunicação é que pouco se estimula o ativismo do aluno no processo de aprendizagem e “o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 1987, p. 57). Esse tipo de prática a qual Freire (1987) chama de concepção bancária tende a estabelecer posições fixas, o professor sempre será aquele que possui o saber e o aluno a “tábua rasa”, ele evidencia que “A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca” (FREIRE, 1987, p. 57). Esse distanciamento é percebido no medo dos alunos em colocar suas opiniões ou fazer perguntas simples a determinados professores por temer a sua reação.

“Educação Libertadora”, que segundo as concepções teóricas de Freire (2011) apontam para a relação dialógica em que o educador ensina e aprende com seus alunos, estabelecendo uma troca de conhecimento. É posto no pensamento Freiriano que é necessário que o educador tenha como ponto de partida a realidade social do aluno, objetivando a formação de indivíduos críticos, que pensam sua realidade de forma “consciente”. Ele indica, a partir desse conceito, que a Educação precisa estabelecer uma correlação entre teoria e prática.

Tomemos as contribuições de Brandão, no que tange a Educação Popular em dois aspectos: metodológico e conceitual. Visto que há uma relação entre o educador e o educando que é regida pelo diálogo, por uma efetiva simetria entre os envolvidos e a centralidade das questões de ordem local e geral da sociedade. Sendo assim, toda a prática pedagógica é direcionada à emancipação dos indivíduos, tornando-os capazes de transformar o social.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações (BRANDÃO, 1981, p.7).

A educação nesse sentido deveria ter o papel de estimular e de ensinar os alunos a arte da pergunta, pois está é fundamental no processo educativo e na construção de um sujeito crítico.

## **CONCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DOS PROFESSORES**

Durante a visita foram entrevistados quatro professores, sendo eles da área de Português, Matemática, Geografia, Sociologia e Biologia. Na ocasião foram feitas três perguntas, sendo elas: a primeira “Como você vê a educação nos dias atuais?”, a segunda “Como você se vê enquanto profissional da educação? Você se sente realizado?” e a terceira “Você participa ativamente do planejamento pedagógico?”.

Na primeira questão apareceram múltiplas respostas, compilando as informações repassadas pelos professores eles pontuaram questões que marcam o cenário atual: novas legislações que não partem da realidade da escola, tornando impossível sua implementação, aluno e professor parecem falar línguas distintas, a família põe a responsabilidade pelo sucesso ou o fracasso escolar dos seus filhos na escola, em contrapartida essas famílias são desestruturadas, afetando a autoestima do aluno e o comportamento deles em sala de aula e na escola, destacam que esse mundo contemporâneo exige compromisso e formação atualizada dos professores.

Destacaram ainda que na última década houve um maior investimento na educação, mas que ainda não é o suficiente, apontou também a superlotação nas salas de aula, o que torna quase impraticável a aula, os demais, pontuaram que há uma precarização da educação e que nos últimos dias as notícias do governo Federal são desanimadoras, considerando que a

escola já não possui condições estruturais, e ainda se prevê cortes para os próximos vinte anos.

Sobre a segunda questão os professores afirmam se sentirem desvalorizados e que muitas vezes as ordens são impostas e existem inúmeras cobranças, mas em contrapartida não são reconhecidos pelos gestores e muito menos pela secretaria de educação. Mesmo diante desse quadro de desvalorização, eles enxergam no sucesso e êxito de seus alunos a sua realização profissional, todos disseram que amam ser professores e que acreditam na educação, apenas não concordam com a maneira que estão sendo tratados pelo poder público e por alguns pais.

Na terceira questão os professores disseram que não é uma prática da escola o planejamento, mas que no início desse ano eles fizeram o planejamento na escola, porque nos anos anteriores eles faziam o planejamento em casa e que algumas vezes na sala dos professores eles combinavam atividades que envolvessem as suas disciplinas.

Essa experiência prática nos leva a Charlot (2013), quando destaca a necessidade de se compreender as políticas educacionais dentro de um contexto mais amplo, que envolve as transformações econômicas, políticas e culturais. Percebendo, por exemplo, a influência da doutrina neoliberal desde as décadas de 1980 e 1990, que exigiu do docente a eficiência, tornou o ensino médio o nível desejado, visto que se buscava um crescimento e reconhecimento internacional, o poder estatal perdeu força, pois o que imperava era a “lei do mercado” e a inserção de novas tecnologias de informação e comunicação de forma muito acelerada.

Diante dessas enormes mudanças o professor se viu “perdido” ou “desestabilizado” como diz Charlot. Logo, essa nova realidade faz com que tanto o sistema escolar seja repensado e reestruturado de modo a atender as novas exigências desse mundo onde impera a mundialização e o sistema capitalista. Onde pode ser percebido na fala do professor que diz a importância de uma formação atualizada.

Podemos compreender que é nesse horizonte de “cobranças” do capitalismo que visa à produção e o mercado que emerge uma escola que se volta para formação de sujeitos a fim de fazer manutenção desse sistema, como diz Manacorda (1989), fábricas e escolas nascem juntas. Diante desse fenômeno precisa-se olhar de forma histórico-crítica para as conjunturas atuais e perceber o leque de opções possíveis, não apenas as que o mercado vem solicitando. É preciso modificar a educação e as práticas pedagógicas de modo à humanização dos sujeitos e a fim de reiterar a existência de uma “democracia real”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma ampla, essa pesquisa, nos possibilitou conhecer de fato uma realidade que às vezes é distante de nossas experiências cotidianas. Pudemos perceber as dificuldades que os docentes sofrem em sala de aula cotidianamente, mas principalmente, que é possível, através de suas práticas pedagógicas autônomas, modificar algumas coisas que são superestruturais. Foi importante para perceber que os alunos não pertencem simplesmente a categorias macrosociológicas, mas que antes de tudo eles são seres humanos, que muito embora sofra com a pobreza e as injustiças, eles são capazes de superar os traumas e escolher os elementos que irão prevalecer em sua história.

Destarte, compreendemos que o poder do indivíduo não exige o governo de assumir suas responsabilidades, no que tange a maiores investimentos em educação, investindo nesses profissionais, visto que é por meio da educação que se cria perspectiva de futuro para as pessoas e isso deve ser um “direito real” de todos.

Como vimos à educação, aqui concebida em suas múltiplas facetas, faz parte do cotidiano dos sujeitos. Os saberes e conhecimentos vão sendo construídos ao longo das trajetórias dos sujeitos e isso deve ser valorizado pela escola e pelo professor.

No que tange ao fracasso ou sucesso escolar do aluno segundo Charlot (2013) a culpa na maioria das vezes é atribuída ao professor, desconsiderando o fato de que o ensino-aprendizagem é relacional e que depende diretamente de todos os participantes no processo.

Para além do que é destacado por Charlot é importante trazer para esse texto a concepção de Lahire (1997) ao pensar sobre o fracasso e o sucesso escolar, onde salienta a importância de estudar os casos particulares em todos os seus detalhes para entender o que gera esse sucesso ou fracasso escolar (microsociologia), objetivando perceber as nuances que extrapolam esse estereótipo geral que foi traçado sucintamente por Charlot.

[...] as próprias noções de “capital cultural” e de “transmissão” ou de “herança” – metáforas úteis quando comentamos quadros que cruzam variáveis – deixam de ser pertinentes quando, ao mudar a escala de observação, voltamos para a descrição e análise das modalidades de socialização familiar ou escolar, no âmbito de uma sociologia dos processos de constituição das disposições sociais, de construção dos esquemas mentais e comportamentais (LAHIRE, 1997, p. 15).

Corroborando com Charlot (2013) a escola é vista como um “lugar específico”, visto que é um espaço de ensino-aprendizagem de conteúdos específicos universais e que, por isso, se diferenciam das coisas que se aprende na família, com os



amigos, etc. Porém, ele enfatiza que a escola deve manter vínculo com a comunidade. Onde podemos pensar que na própria composição dos currículos nacionais, que estabelecem o que deve ser ensinado nas escolas, em sua parte diversificada prevê um espaço destinado ao diálogo com a realidade local, onde a escola se encontra inserida. Sendo assim, além dos conteúdos gerais, podem e devem ser incluídos os conhecimentos que são importantes para a comunidade, algo que não pôde ser percebido nas práticas escolares da escola pesquisada.

Estabelecendo uma relação entre alguns elementos destacados na fala dos professores, gestor e alunos, apareceram algumas contradições entre os discursos e o que se foi observado nas falas dos professores e da direção da escola. O discurso da direção está alinhado com aquilo que é esperado pelas políticas educacionais, em contrapartida a realidade não condiz, com o que foi percebido e com as impressões reveladas nas falas dos docentes e alunos. A inexistência de um Projeto Pedagógico faz com que a escola caminhe alheia a comunidade, não estando atenta às necessidades locais. As poucas iniciativas nesse sentido partem das práticas isoladas dos docentes, daí a importância de

[...] uma formação profissional baseada numa *epistemologia da prática*, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização desta, e o reconhecimento do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato [...] (PIMENTA, 2012, p.19).

Pimenta (2012) salienta que é “notória a apropriação do conceito de professor reflexivo nas propostas do governo brasileiro para a formação de professores” e que o uso de tal conceito não passa de mera retórica. De modo mais direto, a autora afirma que,

[...] a apropriação generalizada da perspectiva da reflexão, nas reformas educacionais dos governos neoliberais, transforma o *conceito* professor reflexivo em um mero *termo*, expressão de uma moda, à medida em que o despe de sua potencial dimensão político-epistemológica, que se traduziria em medidas para a efetiva elevação do estatuto da profissionalidade docente e para a melhoria das condições escolares, à semelhança do que ocorreu em outros países. No caso, a democratização social e política de países como Espanha e Portugal, que não apenas transformaram as condições de *formação* dos professores, mas também significativamente suas condições de exercício profissional com *jornada e salários compatíveis com um exercício crítico e reflexivo e de pesquisa*, contribuindo para a elevação do estatuto da profissionalidade docente. Essa questão, como se vê, está “esquecida” nas políticas do governo brasileiro (PIMENTA, 2002, p. 45, grifo do autor).

A reflexão reducionista da prática (a prática e nada além dela), sem a consideração das condições histórico-sociais em que esta se desenvolve e, ao mesmo tempo, a minimização

do valor da teoria e dos fundamentos filosóficos, políticos, sociais, históricos e de uma sólida formação didático-metodológica, geram um esvaziamento do conteúdo e um empobrecimento da própria prática (FACCI, 2004).

Apesar de saber que muita coisa ainda precisa ser feita, é importante pontuar que os primeiros passos já foram dados, resta agora prosseguir na caminhada.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. Disponível em:

<http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf> Acesso em: 05 out 2016.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea – um trabalhador da contradição. In: CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 93-129.

EDITAL. Disponível em: <http://mestresdaeducacao.pb.gov.br/edital-escola-de-valor.html>  
Acesso em: 02 nov. 2016

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Teoria do professor reflexivo: valorização do trabalho docente? In: **VI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste**. Rio de Janeiro: ANPED, 2004.

FREIRE, Paulo. Justificativa da pedagogia do oprimido. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p. 57-75.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012.